

Autores | Authors

Lorena Silva Costa*
[lorena.costa@ifb.edu.br]Marina Lima Carvalho Branco**
[marina.branco@ifb.edu.br]Iasmin Santos da Rocha Pinto***
[iasmin.santos@ifb.edu.br]**PRÁTICAS EM PSICOLOGIA ESCOLAR NA PANDEMIA DO COVID-19: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO EM GRUPO EM UM INSTITUTO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA.*****PRACTICES IN SCHOOL PSYCHOLOGY IN THE COVID-19 PANDEMIC: EXPERIENCE REPORT OF GROUP INTERVENTION IN AN INSTITUTE OF SCIENCE AND TECHNOLOGY.***

Resumo: A crise sanitária ocasionada pela pandemia do COVID-19 impactou diversas áreas, como política, economia, relações de trabalho e educação. Nesse último campo, a paralisação das atividades não essenciais, necessária como medida de segurança, também gerou o debate quanto às desigualdades sociais e acesso a direitos universais, como a educação. As instituições de ensino se viram frente a um novo desafio quanto à inclusão digital, ao acesso igualitário às metodologias para o retorno das atividades e estruturação de currículo e práticas pedagógicas no contexto do isolamento social. Esses desafios também afetaram a prática da psicologia escolar, levantando reflexões quanto à prática do atendimento on-line, a necessidade de acompanhamento psicossocial e novas formas de acolhimento e contato com a comunidade escolar. Entendendo que os estudantes ocupam o lugar de protagonistas no universo escolar e ganham centralidade nesse contexto, oportunizar espaços dialógicos on-line/presenciais para que os estudantes expressassem seus afetos e emoções, compreendessem a sua percepção da realidade atual e ressignificassem seus sentimentos e sua relação com a escola foi considerada uma ação importante para ser desenvolvida no contexto remoto. Este trabalho tem o objetivo de apresentar a experiência conduzida por três psicólogas da rede de educação profissional e tecnológica no acompanhamento discente durante este período de ensino remoto em três *campi* do Instituto Federal de Brasília.

Palavras-chave: Psicologia Escolar; Covid-19; Psicossocial; Roda de Conversa

Abstract: *The health crisis caused by the COVID-19 pandemic impacted several areas, such as politics, economy, labor relations and education. The shutdown of non essential activities which was necessary as a security measure, also generated debate about social inequalities and access to universal rights, such as education. Educational institutions were faced with a new challenge regarding digital inclusion, equal access to methodologies for the return of activities and structuring of curriculum and pedagogical practices in the context of social isolation. These challenges also affected the practice of school psychology, raising reflections on the practice of online care, the need for psychosocial monitoring and new forms of reception and contact with the school community. Considering that students occupy the place of protagonists in the school universe and gain centrality in this context, providing opportunities for online/in-person dialogic spaces for students to express their affections and emotions, understand their perception of the current reality and reframe their feelings and their relationship with the school was considered an important action to be developed in the remote context. This paper aims to present the experience conducted by three psychologists from the professional and technological education network in monitoring students during this period of remote teaching in three campuses of the Federal Institute of Brasília.*

Keywords: *School Psychology; Covid-19; Psychosocial; chat wheel*

Recebido em: 18/08/2021

Aceito em: 11/08/2022

INTRODUÇÃO

A escola pode ser considerada como uma instituição gerada pelas necessidades produzidas por sociedades que, por sua complexidade crescente, demandam formação específica de seus membros. A escola adotou ao longo da história diversas formas, em função das necessidades a que teria que responder, tendo sido, em geral, destinada a uma parcela privilegiada da população, a quem caberia desempenhar funções especializadas, articuladas aos interesses dominantes de uma determinada sociedade.

Essa realidade deve ser, no entanto, compreendida também a partir de suas contradições, sobretudo a concepção de escola como instância que se coloca hoje como uma das condições fundamentais para a democratização e o estabelecimento da plena cidadania a todos, e que, embora não seja o único, é certamente um dos fatores necessários e contingentes para a construção de uma sociedade igualitária e justa. Sob essa perspectiva, a escola, tal como nós a concebemos, tem como finalidade promover a universalização do acesso aos bens culturais produzidos pela humanidade, criando condições para a aprendizagem e para o desenvolvimento de todos os membros da sociedade.

Entendemos, portanto, que a educação é uma prática social humanizadora, intencional, cuja finalidade é transmitir a cultura construída historicamente pela humanidade. O homem não nasce humanizado, mas torna-se humano por seu pertencimento ao mundo histórico-social e pela incorporação desse mundo em si mesmo, processo esse para o qual concorre a educação.

A articulação da Psicologia com a Educação oportunizou a emergência do psicólogo escolar, profissional que por muito tempo se caracterizou por classificar e ajustar à escola os alunos com dificuldades escolares, aplicando o conhecimento psicológico ao contexto escolar. Esta adaptação se realizava, no passado, a partir da aplicação de recursos psicométricos, entendidos como função primordial do psicólogo no contexto escolar.

A aplicação desse modelo médico de intervenção na escola conduziu à patologização e psicologização do espaço escolar por atribuir ao próprio aluno a culpa por suas dificuldades de aprendizagem, e por isentar outras instâncias de permanecerem reflexivas sobre suas responsabilidades no processo educativo.

A Psicologia Escolar pode ser compreendida como área de produção de conhecimento, intervenção e pesquisa (MARIÑO-ARAUJO, 2010) que, em articulação com a Educação, consolidou-se como um campo de atuação para os psicólogos nos espaços educativos. Entre o final dos anos 1990 e começo dos anos 2000, as produções da área apontaram a importância de se considerarem os diversos aspectos históricos e culturais

constituintes dos processos de aprendizagem e de desenvolvimento dos sujeitos nos contextos educacionais, superando assim, uma postura biomédica de intervenção.

Nesse processo de reflexão sobre o fazer em psicologia no contexto escolar, aspectos relacionados ao resgate da concepção de educação, direitos humanos, autonomia e território foram importantes para a construção de uma perspectiva de psicologia escolar com compromisso social e implicada no desenvolvimento humano de emancipação cidadã.

O ambiente escolar constitui-se como campo privilegiado para o favorecimento do desenvolvimento salutar da subjetividade, da socialização e da formação emocional dos estudantes que o integram, por consistir-se cenário que possibilita o contato com as semelhanças e diferenças, oportunidade de trocas e de convívio por longo período e em diferentes momentos da vida (GUZZO, 2001).

Apesar da consolidada tradição de se considerar o ensino de conhecimentos técnicos como função precípua do contexto escolar, evidencia-se cada vez mais a insuficiência dessa transmissão de conteúdos como objetivo único. O relatório Delors (UNESCO, 1996) expõe a educação emocional como contribuição essencial ao desenvolvimento cognitivo, sendo instrumento de prevenção de problemas relacionados como impeditivos do bom desenvolvimento acadêmico. Estudos ressaltam o impacto do desenvolvimento emocional no bem-estar psicológico, nos níveis de ansiedade, no autoconceito e no rendimento escolar, por exemplo. (SALOM; MORENO; BLÁZQUEZ, 2015; GUZZO, 2001)

Muller (2006), aborda uma interessante distinção entre os conceitos de "instrução" e "educação", que para o autor complementam-se como componentes de uma proposta educacional que considera completa. A instrução é compreendida como transmissão de conteúdos técnicos ou científicos, focando-se na objetividade e possibilitando-se o "saber fazer". A utilidade prática daquele conhecimento é enfatizada, exigindo-se do aluno uma postura passiva, de introjeção do que lhe é ministrado, sem estímulo ao pensamento crítico.

A educação, por sua vez, requer o comportamento oposto: um comportamento ativo, de envolvimento com o conhecimento, de incentivo à interação entre professor e aluno e de busca por significado. Envolve necessariamente a escuta dos estudantes, visto que ocupam papel de protagonistas naquele espaço de construção de conhecimento. Muller (2006) conceitua esse componente como ensinar a "saber viver": refletir sobre valores, sobre empatia, sobre a vida e a morte, sobre como lidar com adversidades, entre tantas outras possibilidades.

Essa perspectiva coloca a instituição de ensino como palco possível e detentor de fatores que permitem a atenção ao desenvolvimento integral do sujeito. O compromisso social da escola e do trabalho da Psicologia Escolar, de desenvolvimento humano e emancipação cidadã, dispõe da educação emocio-

nal, do incentivo à autopercepção e ao aprimoramento de habilidades como ferramentas relevantes para a consecução de seus objetivos.

A crise sanitária ocasionada pela pandemia do COVID-19 impactou diversas áreas como política, economia, relações de trabalho e educação. Nesse último campo, a paralisação das atividades não essenciais, necessária como medida de segurança, também gerou o debate quanto às desigualdades sociais e acesso a direitos universais, como a educação.

O campo educacional tem se tornado palco de intensos debates entre gestores, estudantes, responsáveis e de toda a sociedade. Uma vez que, tanto o cenário da pandemia, quanto o seu ainda imprevisível porvir evocam as mais diversas dificuldades para as práticas educacionais, a soma de esforços dos atores sociais que compõem o ambiente escolar para atualizá-lo a esses tempos desafiadores pode fazer toda a diferença nesse enfrentamento.

As instituições de ensino se veem frente a um novo desafio quanto à inclusão digital dos estudantes, ao acesso igualitário das metodologias para o retorno das atividades e estruturação de currículo e práticas pedagógicas no contexto do isolamento social.

Esses desafios também afetaram a prática da psicologia escolar, levantando reflexões quanto à prática do atendimento on-line, a necessidade de acompanhamento psicossocial e novas formas de acolhimento e contato com os estudantes e comunidade escolar. A prática profissional atentou-se à compreensão do sistema educacional em suas dimensões político-sociais, considerando a importância do desenvolvimento de novas competências profissionais para inserção nesse contexto que se apresentou e concebendo que as intervenções devem envolver os educadores, estudantes, pais/responsáveis em uma rede de co-responsabilização e desenvolvimento de habilidades.

Entendendo que os estudantes ocupam o lugar de protagonistas do universo escolar e ganham centralidade nesse contexto, oportunizar espaços dialógicos on-line/presenciais para que os estudantes expressassem seus afetos e emoções, compreendessem a sua percepção da realidade atual e resignificassem seus sentimentos e sua relação com a escola foi considerada uma ação importante para ser desenvolvida no contexto remoto.

Este trabalho tem o objetivo de apresentar a experiência conduzida por três psicólogas da rede de educação profissional e tecnológica no acompanhamento discente durante este período de ensino remoto em três *campi* do Instituto Federal de Brasília.

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

No Brasil, entre os anos de 1942 e 1959, o ensino profissionalizante foi concebido para garantir a formação técnica

qualificada dentro de um cenário socioeconômico promissor no país. Nesse período, as Escolas Industriais e as Escolas Técnicas Federais foram as primeiras escolas públicas que se responsabilizaram, estritamente, em ofertar cursos voltados para a instrução especializada da força de trabalho e, assim, atender aos interesses do setor industrial e tecnológico brasileiro. Ainda que as mudanças nas políticas educativas tenham alcançado a educação profissional e tecnológica, por muito tempo essa modalidade de ensino fortaleceu a separação entre a formação “intelectual” e “para o trabalho” no contexto educativo (FEITOSA; ARAÚJO, 2018).

Apenas a partir da década de 1990 foram adotadas medidas legais que reconfiguraram a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Após mais de uma década dessa reestruturação, em 2008, os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia - IFET foram criados como alternativa para articular o ensino médio e o ensino técnico, garantir a oferta da educação superior, contribuir para a expansão do ensino por meio da implantação de novas instituições e para formar professores (FEITOSA; ARAÚJO, 2018).

Essa configuração promoveu a aproximação entre academia e sociedade, por meio do fortalecimento de espaços para desenvolver a autonomia reflexiva, teórica e prática da comunidade acadêmica, entendendo que o trabalho, a cultura e a ciência precisam estar articulados nos níveis de pesquisa, ensino e extensão (ANDRADE; KIPNIS, 2010). Na conjuntura atual, a formação qualificada oferecida nos IFET defende o rompimento da concepção de uma educação meramente voltada para a preparação de mão de obra especializada e de matriz instrucional que, historicamente, vigorou nesses espaços formativos (FEITOSA; ARAÚJO, 2018).

Por meio dos IFET, retomou-se a construção dos espaços educativos vinculados à prática da cidadania e da ampla formação do sujeito, a fim de superar as contradições das especializações e fortalecer os processos sociais e de trabalho frutos dessa trajetória. Com os IFET ampliou-se a oferta dos cursos de licenciatura e o número de *campi* existentes, bem como o estabelecimento de parcerias estratégicas locais, regionais e nacionais para explorar as potencialidades e oportunidades socioeconômicas nos contextos em que estão implantados.

O desenvolvimento da identidade institucional dos IFET pôs-se diante de um considerável desafio quando, ao nos aproximarmos do encerramento do ano de 2019, testemunhamos a propagação progressiva do novo coronavírus (COVID-19), um agente desencadeador de infecções respiratórias que rapidamente disseminou-se por diversos países, colocando-nos diante de uma pandemia. Consequentemente, impôs-se a elaboração de possibilidades de reorganização do espaço escolar para o atendimento das recomendações das autoridades sanitárias e governamentais e da necessidade de preservação da integridade da saúde de toda a comunidade acadêmica.

O cenário de incertezas que foi desencadeado a partir da confirmação da presença do vírus no Brasil acarretou a necessidade de planejamento de ações por parte dos Dirigentes das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, culminando na emissão, em março de 2020, do Ofício-Circular N° 23/2020/GAB/SETEC/SETEC-MEC, que trazia recomendações de medidas comportamentais a serem adotadas pela comunidade acadêmica para a prevenção da transmissão do Coronavírus, tendo por base as orientações elaboradas pelo Ministério da Saúde, que o Instituto Federal de Brasília passou, então, a seguir.

Perante a conjuntura, no Instituto Federal de Brasília as primeiras ações foram direcionadas para a disseminação de informações e reiteração das recomendações do Ministério da Saúde, determinando-se um período inicial de suspensão das aulas presenciais e a instituição de um Comitê de Emergência para o monitoramento e elaboração de proposições de ações de enfrentamento à pandemia. No início do mês de abril, considerando-se a observação do conteúdo do Decreto n° 40.539, de 19/03/2020 do Governo do Distrito Federal e dos dados da Secretaria de Saúde/GDF, publicou-se a Resolução 10/2020 – RIFB-IFB, apontando-se a necessidade da continuidade da suspensão das aulas e da suspensão do calendário acadêmico até nova análise do cenário. Optou-se pela não adoção do ensino à distância nesse período, em face das dificuldades apresentadas pelos estudantes em relação ao acesso às tecnologias de informação e comunicação, visto que parcela considerável de estudantes do IFB são oriundos de famílias de baixa renda.

Após o período aproximado de três meses de suspensão das atividades letivas, ao final de julho houve a retomada do calendário acadêmico, com o retorno das atividades acadêmicas de forma não presencial. Priorizou-se o debate sobre o formato em que seriam desenvolvidas as atividades letivas, avaliando-se e buscando o aperfeiçoamento do conhecimento dos atores institucionais sobre as metodologias de ensino possíveis diante do cenário imposto. Mais uma vez nos colocamos diante das múltiplas possibilidades advindas da imposição de diversas mudanças de rotina e suas contradições: ao mesmo tempo que foi preciso lidar com as desigualdades no que diz respeito ao acesso dos estudantes, tornou-se possível a oferta de projetos integrados e de discussões cada vez mais coletivas no planejamento de aulas, integrando-se atividades de pesquisa e extensão com a utilização de tecnologias digitais.

Permanece a significativa incumbência de reflexão sobre a responsabilidade, como instituição pública de ensino, de ofertar educação profissional e tecnológica que ofereça uma formação integral e de qualidade de maneira a alcançar todos os estudantes, incluindo-se os que se encontram em situação de vulnerabilidade socioeconômica e os que apresentam alguma necessidade educacional específica. Concebe-se o esforço direcionado ao restabelecimento do vínculo dos estudantes com a

escola, com os docentes e toda a equipe técnica como um dos pilares essenciais para uma atuação eficaz durante o contexto de atividades remotas.

RODAS DE CONVERSA ON-LINE

Uma das frentes de atuação da psicologia no contexto remoto foi à criação de espaços dialógicos on-line para que os estudantes pudessem expressar seus afetos e emoções frente às incertezas do contexto de isolamento social e pandemia, bem como manterem os vínculos com a escola. Nesses espaços, buscou-se conversar e orientar os estudantes sobre aspectos de aprendizagem, relacionamento interpessoal, comunicação, expressão de sentimentos e troca de experiências, articulando as demandas apresentadas com os demais setores internos da instituição e, quando necessário, encaminhando às instituições do território, com o objetivo de ampliar a rede de cuidado ofertada aos estudantes.

Em uma tentativa de somar forças, três psicólogas escolares do Instituto Federal de Brasília, lotadas em *campi* diferentes da Instituição (*Campus Brasília*, *Campus Gama* e *Campus Planaltina*) optaram por atuar de forma intercampi. Cada uma das profissionais dedicava-se à divulgação e devidos encaminhamentos relativos aos estudantes de seu *campus* de origem, mas as rodas de conversa eram conduzidas de forma colaborativa, convidando-se a comunidade acadêmica dos três *campi* envolvidos à participação em cada uma das atividades propostas.

Cada encontro proposto para as Rodas de Conversa foi planejado a partir de eixos temáticos e contextualizações apresentadas pelas facilitadoras com a finalidade de dar início ao processo de diálogo. Essa metodologia permitiu a condução do grupo sem desconsiderar que os temas propostos servem de norte para as atividades, sem tornarem-se impeditivos para que o diálogo enriquecido pelas perspectivas dos participantes trouxesse discussões ampliadas em relação ao tema provocador.

Com a escolha do formato dos encontros como Rodas de Conversa, objetivou-se permitir a exploração, por parte das facilitadoras, de um conteúdo considerado relevante para a comunidade escolar naquele momento e contexto, além de estimular a troca de conhecimentos e o compartilhamento de dúvidas, inquietações e reflexões entre os participantes, possibilitando um panorama ampliado de cenários e percepções.

Entre os meses de maio a outubro de 2020 foram realizadas nove rodas de conversa na modalidade on-line. Os primeiros temas/encontros foram desenvolvidos ainda durante o período de suspensão das atividades letivas e do calendário acadêmico, com o intuito de manter o vínculo entre instituição e estudantes. O público alvo dessas atividades era a comunidade escolar, entendida como estudantes, servidores e familiares, sendo necessária a prévia inscrição por formulário elaborado utilizando-se a ferramenta *Google Forms*, como

forma de identificação dos participantes e registro da atuação profissional. As vagas eram limitadas a 25 participantes por roda de conversa, em função da logística de organização das profissionais no intuito de que todos pudessem ter um espaço

de diálogo e escuta. Algumas rodas obtiveram mais inscrições que o número de vagas, pois ao longo do processo foi percebido que nem todos que se inscreviam participavam de fato do encontro no dia agendado.

Tabela 1 - Descrição das rodas de conversa e quantidade de participantes.

MÊS	TEMA	QUANTIDADE DE PARTICIPANTES
Maio	Fortalecendo vínculos familiares através da comunicação	19 inscritos 13 participantes
	Compreendendo as emoções em tempos de isolamento	32 inscritos 12 participantes
Junho	Conversando sobre a ansiedade	28 inscritos 12 participantes
	Como lidar com o medo em tempos de pandemia	12 inscritos 07 participantes
Julho	Vamos falar sobre o retorno?	45 inscritos 14 participantes
	Vamos falar sobre o luto?	18 inscritos 12 participantes
Agosto	Qual a importância da rotina?	39 inscritos 15 participantes
	Ressignificando histórias de isolamento	16 inscritos 11 participantes
Outubro	Construindo sonhos	19 inscritos 13 participantes

Os dois primeiros temas foram pensados a partir da percepção das psicólogas de que tratavam-se de pautas importantes para iniciar uma aproximação com a comunidade, além de serem temas que faziam sentido dado o contexto de pandemia. Com a medida de isolamento social decretada, as famílias compulsoriamente ampliaram o tempo de convivência diária de seus membros, realizando todas as atividades que antes eram feitas no espaço externo, agora no espaço privado. Portanto, a comunicação e o fortalecimento de vínculos mostravam-se essenciais para uma boa convivência familiar, assim como desenvolver a prática de compreender as emoções sentidas nesse período poderia ser uma ferramenta para diminuir as tensões causadas por esse cenário.

Os temas propostos para as próximas rodas de conversa foram selecionados a partir da observação das psicólogas so-

bre as necessidades apresentadas pelos participantes das rodas anteriores, assim como por sugestão e indicação dos próprios estudantes. Após a roda de conversa, os participantes eram vinculados a um grupo de aplicativo de mensagens, com os números de contato relacionados para possibilitar a divulgação de novos encontros, levantamento de novos temas e fortalecimento comunitário.

A condução das rodas era dividida entre as três psicólogas responsáveis pelo projeto, dividindo-se a responsabilidade de monitorar o chat, utilizado pelos alunos que preferiam se expressar de maneira escrita, a abordagem da introdução do tema guia e das questões norteadoras, com a utilização, por vezes, de apresentação de material textual/visual para os participantes, e a condução da mediação a partir da consideração das falas expressadas pelos estudantes. A plataforma utilizada

foi o *Google Meet*, e o link de acesso era disponibilizado na data do encontro para os inscritos, não havendo gravação dos encontros.

Tabela 2 - Descrição das rodas de conversa

Tema Abordado	Objetivo do encontro	Metodologia
Fortalecendo vínculos familiares através da comunicação	<ul style="list-style-type: none"> -Promover psicoeducação -Apresentar recursos da "Comunicação não violenta" para favorecer diálogos, expressões das necessidades pessoais e maneiras saudáveis de lidar com conflitos familiares durante o período de isolamento 	<ul style="list-style-type: none"> -Exposição de partes do livro "A linguagem da girafa", de Jean Morrison (2019), com a finalidade de apresentar alternativas construtivas para diálogos em situações de conflitos.
Compreendendo as emoções em tempos de isolamento	<ul style="list-style-type: none"> Promover psicoeducação -Estimular o autoconhecimento -Apresentar diferenças entre emoções e sentimentos 	<ul style="list-style-type: none"> -Propôs-se uma atividade aos participantes em que deveriam sinalizar, em um molde humano, as emoções percebidas, atribuindo cores às partes do corpo afetadas.
Conversando sobre a ansiedade	<ul style="list-style-type: none"> -Promover a psicoeducação -Compreender a diferença entre a ansiedade normal e a patológica -Favorecer a reflexão sobre a percepção do medo como catalisador da ansiedade -Apresentar uma estratégia de automonitoramento para lidar com a ansiedade 	<ul style="list-style-type: none"> -Exposição dialogada com a apresentação de slides com textos informativos -Utilização de mediação estética a partir da apresentação de vídeo explicativo sobre diferença entre ansiedade normal e a ansiedade excessiva
Como lidar com o medo em tempos de pandemia	<ul style="list-style-type: none"> -Promover a psicoeducação -Compreender a relação entre medo e ansiedade -Descrever a presença do medo no contexto de pandemia e as possibilidades de enfrentamento 	<ul style="list-style-type: none"> -Exposição dialogada com a apresentação de slides com textos informativos -Cada participante foi convidado a anotar o medo percebido no contexto de pandemia, de forma anônima. Em seguida, os integrantes eram convidados, por meio de sorteio, a conversar com o grupo sobre formas de enfrentamento.
Vamos falar sobre o retorno?	<ul style="list-style-type: none"> -Promover a psicoeducação -Divulgação de informações 	<ul style="list-style-type: none"> -Os estudantes foram convidados a compartilhar sobre como se sentiam com o retorno às aulas de

Vamos falar sobre o luto?	<p>institucionais relativas ao retorno das atividades letivas por meio do ensino remoto</p> <p>-Promover a psicoeducação</p> <p>-Promover um diálogo guiado à luz do filme "Sete minutos depois meia noite" (2017).</p>	<p>maneira remota, falando sobre quais eram suas dúvidas e expectativas.</p> <p>-Em momento anterior ao encontro indicou-se que os participantes assistissem o filme "Sete minutos depois da meia noite", dirigido pelo espanhol Juan Antonio Bayona, como material norteador das reflexões</p>
Qual a importância da rotina?	<p>-Promover a psicoeducação</p> <p>-Estimular o autoconhecimento e o desenvolvimento de habilidades que favoreçam a capacidade de gerenciar as atividades sem negligenciar os cuidados com a saúde mental</p>	<p>-Compartilhamento de experiências por meio de abordagem dialógica e participativa</p> <p>-Exposição dialogada com a apresentação de slides com orientações práticas para o favorecimento da organização de rotina como instrumento propiciador de cuidado em saúde mental durante o percurso escolar</p>
Ressignificando histórias de isolamento	<p>-Promover a psicoeducação</p> <p>-Estimular o autoconhecimento</p>	<p>-As facilitadoras promoveram acolhimento e escuta ativa das histórias compartilhadas pelos participantes, conduzindo reflexões acerca dos aspectos apresentados.</p>
Construindo sonhos	<p>-Promover a psicoeducação</p> <p>-Estimular o autoconhecimento e o desenvolvimento de estratégias de planejamento</p>	<p>Utilizou-se uma metáfora envolvendo uma árvore em crescimento, propondo-se uma reflexão sobre a função de suas raízes, caules e frutos, para a condução de um diálogo sobre valores pessoais, rede de apoio e legado.</p> <p>-Através de três perguntas mobilizadoras, os participantes conversaram sobre sonhos:</p> <p>-Pergunta 1: Quais são os seus valores? Que pessoa você é?</p> <p>-Pergunta 2: O que te sustenta? O que te ajuda a realizar seus sonhos e metas?</p> <p>-Pergunta 3: Como você deseja ser lembrado?</p>

RELATO DA EXPERIÊNCIA

Inicialmente, um dos desafios encontrados pela equipe foi quanto à estruturação das atividades para o contexto de atividades remotas. Estávamos, como nossa comunidade, com sentimentos de incertezas quanto ao contexto, nossas possibilidades de contribuição e limites. O Conselho Regional de Psicologia - CRP 01 foi acionado para as devidas orientações, e a

atuação deu-se de acordo com os trâmites recomendados. Fez-se necessário um cadastro na plataforma E-PSI para a autorização de oferta de atendimentos on-line, com a emissão de um parecer favorável do sistema Conselho para as atividades. Os atendimentos on-line eram registrados por meio do e-mail institucional das mediadoras, com a utilização da agenda de criação dos links de acesso às salas dos encontros para as rodas

As rodas de conversa foram utilizadas como instrumento de aproximação com a comunidade, para promoção de acolhimento, pertencimento e psicoeducação, entendendo que, mesmo com o calendário suspenso, os vínculos escolares não estavam desfeitos. Para as psicólogas, a manutenção desse vínculo era um importante fator de proteção da saúde mental dos estudantes, já que de um dia para o outro toda a rotina foi suspensa e a insegurança pelo futuro ampliada, fazendo com que a manutenção desse vínculo significasse proporcionar um mínimo de segurança e conforto para a comunidade acadêmica.

Percebeu-se que os participantes estavam, inicialmente, bem afetados pelo isolamento social, apresentando dificuldades de concentração, oscilações de humor, dificuldades no estabelecimento de rotina, rigidez na adequação dos planos ao novo contexto e conflitos nos relacionamentos interpessoais. Essas dificuldades observadas estão em consonância com a literatura em saúde mental no contexto de pandemias e desastres. Nesses momentos, é esperado que os meses iniciais sejam direcionados à assimilação dos eventos, sendo comum o aumento de sintomas como a confusão, alterações de humor, sono e apetite.

Em função disso, em acordo com a recomendação da cartilha elaborada pela Fiocruz(2020) sobre saúde mental e atenção psicossocial na pandemia do COVID-19, buscou-se através das intervenções realizadas minimizar os sintomas de estresse ocasionados pelo isolamento e pandemia, auxiliando os estudantes a se vincularem em estratégias concretas de cuidado e fortalecimento de suas redes sócio afetivas.

Moura e Lima (2014) comentam que, frequentemente, quando se há menção à metodologia de Roda de Conversa, associa-se a prática a algo informal, algo que se faz em um período livre, com um grupo que possui laços familiares ou com pessoas com afinidades compartilhadas. Quando utilizada como metodologia de intervenção, também há a intenção de que o espaço reservado para essa troca assegure um ambiente confortável, com espaço para que todos se expressem, sejam ouvidos e também ouçam com atenção a manifestação dos outros presentes.

A Roda de Conversa constitui-se, então, um espaço de diálogo e de compartilhamento, sendo um exercício de escuta e de fala. Não é incomum, a depender do número de participantes, que os momentos de escuta estejam mais presentes que os de fala, por se considerar que se deve assegurar espaço para que cada integrante do encontro possa expressar-se a seu tempo. As colocações de cada participante vão crescendo-se uma às outras e complementando-se, já que a construção sobre o tema proposto é coletiva e diretamente afetada pelas percepções que vão sendo partilhadas momento a momento, em um exercício de reflexão, de reconstrução de conceitos e argumentos (MOURA; LIMA, 2014).

Para o contexto on-line, foi necessária a adaptação na cons-

trução desses espaços, bem como na condução da conversa. Os participantes, por vezes, não acionavam as suas câmeras, permanecendo com suas imagens ausentes, o que tornava impossível a observação do comportamento não verbal deles. Fazer com que eles se sentissem à vontade e seguros no compartilhamento de suas reflexões levava um pouco mais de tempo se comparamos aos comportamentos apresentados em atividades similares presenciais, mas depois que o vínculo era firmado, eles não só compartilhavam, como ajudavam uns aos outros.

Ao início de cada roda, eram apresentados alguns acordos que as mediadoras julgaram importantes, como: sinalizar no chat ou com um recurso da plataforma quando gostaria de falar, deixar o microfone desligado enquanto outro participante estivesse falando, garantir o sigilo das falas compartilhadas durante a atividade. Ao longo dos encontros, percebeu-se que os membros estavam constantemente repetindo sua participação nas atividades posteriores. Apesar de não ser um grupo fixo, visto que as inscrições para cada roda de conversa eram abertas à comunidade, essa presença constante de alguns participantes favoreceu uma maior interação dos membros ao longo das atividades.

Na atividade intitulada “Compreendendo as emoções em tempos de isolamento”, participaram servidores técnico-administrativos e docentes, possibilitando a exploração das repercussões sobre os impactos do teletrabalho na rotina dos servidores. Observou-se que a falta de preparação e clareza quanto ao teletrabalho gerou uma sobrecarga de atividades em servidores que ocupavam cargos de gestão. Ausência de horário de trabalho, sobrecarga feminina, incertezas e cobranças foram aspectos presentes na fala dos participantes. Um dos encaminhamentos necessários foi o acionamento do setor de gestão de pessoas para acolhimento dos servidores e reflexão sobre os processos de trabalho desenvolvidos nesse contexto.

Como o sentimento de ansiedade foi o mais presente na atividade sobre as emoções, o assunto foi abordado em específico em um encontro posterior. A roda “Conversando sobre a ansiedade” buscou desmistificar algumas compreensões sobre a ansiedade, trazendo uma reflexão sobre a patologização dos estados emocionais esperados. O grupo demonstrou desconhecimento sobre a diferença entre ansiedade normal e patológica, e refletimos sobre a aceitação das sensações como parte necessária para o desenvolvimento da saúde mental.

O sentimento de medo também esteve presente em todas as rodas, por isso consideramos importante abrir um espaço específico para tratarmos sobre ele. Na roda “Como lidar com o medo em tempos de pandemia” relacionamos o medo e a ansiedade nesse contexto de pandemia, o reconhecimento dessas sensações no corpo e as estratégias possíveis para enfrentamento. A troca de experiências foi muito importante para a verificação de estratégias de enfrentamento e para reconheci-

mento das emoções. Nesta atividade, buscamos trazer ao grupo elementos de biossegurança necessários para esse contexto de pandemia, conversando sobre o uso de máscara, as práticas de higienização, dentre outros.

Destaca-se que o pensamento catastrófico versus a negação do perigo esteve presente nesta atividade. Muitos participantes lidavam com o medo tendo a certeza que os seus piores receios poderiam acontecer, outros fingindo que não estavam em uma situação tão grave assim, e ao relativizar a situação, conseguiam lidar melhor com seus medos de morte e perdas. Lidar com a realidade tal qual ela se apresenta foi um dos pontos abordados neste encontro, e percebemos aspectos importantes para serem abordados em outras atividades institucionais, como as lives docentes.

Quando o retorno às atividades escolares foi anunciado, tornou-se importante abrir um espaço no grupo para circulação de sentidos subjetivos dos estudantes. Este acolhimento proporcionou aos mediadores informações importantes para orientação da gestão escolar quanto ao envolvimento da comunidade, organização pedagógica e assistência estudantil.

Um dos eixos de trabalho do grupo foi a superação da lógica de fracasso que esteve presente nas falas dos estudantes e servidores após o retorno das aulas. Entendendo que há múltiplas contingências envolvidas nesse processo e que o resgate da potencialidade do sujeito é necessário, abrimos uma roda de conversa com o tema “Ressignificando histórias de isolamento”, buscando provocar nos participantes a reflexão sobre o que foi aprendido nessa experiência de isolamento, pandemia e ensino remoto. Quais habilidades foram desenvolvidas, quais superações. Longe de romantizar as dificuldades vividas, mas sim abrir um espaço de reflexão sobre as potencialidades. Percebemos que os estudantes trouxeram vivências interessantes de aprendizagem, como o uso de tecnologias digitais, de organização de estudos, mas os servidores, tiveram mais dificuldades em destacar alguns aprendizados.

Essa foi uma atividade de delicada condução, pois não era um objetivo das mediadoras forçarem o grupo a elencar aspectos de crescimento, mas circular vivências diferentes do nosso contexto atípico. Ficou a reflexão da integração necessária de experiências para unidade dos sujeitos, da desmistificação da saúde mental como positividade e da lida com o contraditório nas nossas vivências.

Para nossa última roda de conversa do ano, buscamos resgatar a integração de experiências e o papel ativo dos sujeitos na sua realização pessoal. Entendemos que a experiência de sonhar o futuro, se sonhar, se projetar era um tema delicado para esse encerramento. Na roda “Construindo sonhos”, buscamos associar o processo de desenvolvimento pessoal ao de um crescimento de uma árvore. Trouxemos para reflexão aspectos sobre valores pessoais, rede de apoio, legado e a sua relação com a escola. Um dos participantes trouxe a expressão

de que a “pandemia tirou nossos sonhos” (SIC), e refletimos sobre as implicações das intempéries da vida no nosso crescimento pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As rodas de conversa são ferramentas que permitem um trabalho com a dinâmica grupal e a mediação das facilitadoras de maneira a permitir a criação de um espaço em que as manifestações dos alunos ocorrem para além das relações hierarquizadas presentes em outros espaços de aprendizagem, buscando-se uma relação de horizontalidade. Com isso, tem-se o intuito de que as pessoas possam expressar-se sem temer o julgamento, com respeito às próprias crenças e sentimentos e também às crenças e sentimentos dos outros. Quando ocorre essa partilha, muitas vezes os estudantes percebem que não estão solitários em seus desafios, compreendendo que há outros sujeitos buscando superar dificuldades semelhantes, contribuindo para a desculpabilização do estudante. (BRANCO; PAN, 2016).

Ao participar das atividades propostas, refletir sobre os eixos temáticos e dividir com os colegas suas percepções, sensações e expectativas, possibilitou-se a transposição de aspectos vistos como individuais para aspectos coletivos e institucionais. Assim, os sujeitos participantes foram estimulados a observar e apropriar-se dos cenários em que estão inseridos e envolvidos. Criou-se a oportunidade de que esses estudantes se mobilizem para a ação, buscando melhorias em seus contextos de vida, desenvolvendo empatia, resiliência, reflexões sobre habilidades que podem ser desenvolvidas ou aperfeiçoadas, além de propostas de melhoria de aspectos da instituição de ensino da qual fazem parte.

O contexto de emergência humanitária provocado pela pandemia da Covid-19 escancarou desigualdades historicamente construídas no país e reconfigurou o trabalho de diversos espaços, como a educação. Para psicólogos escolares, um dos desafios evidenciados foi a construção de uma atuação em rede, entendendo que a escola faz parte do território social das políticas públicas e, por isso, precisa de interlocução com outros atores sociais. A oportunização de espaços de acolhimento e intervenção psicossocial se fizeram necessários na pandemia, demonstrando que um olhar voltado para a atuação em rede, com ferramentas de suporte da comunidade, tornou-se uma atribuição da psicologia escolar.

Aspectos relacionados à necessidade de educação emocional, desenvolvimento de habilidades socioafetivas e forças psicológicas têm ganhado destaque na literatura e este contexto reverberou os impactos de fragilidades emocionais no contexto educativo.

Em um contexto em que estudantes e suas famílias perderam tanto, como estabelecer uma aproximação sensível a par-

tir da escola, que muitas vezes é o espaço de referência das famílias? As atividades de roda de conversa oportunizaram uma aproximação com a comunidade, mas também uma articulação no âmbito institucional para identificação de ações em andamento que poderiam auxiliar a comunidade, orientação nos espaços de planejamento educacional, como reuniões gerais, colegiados de curso e até pesquisa de serviços e dispositivos de cuidado no território. As vulnerabilidades dos estudantes eram abordadas em uma perspectiva de desenvolvimento humano, de proteção social e a partir da escola tecemos redes de proteção.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Andréa de Farias Barros; KIPNIS, Bernardo. Cursos superiores de tecnologia: um estudo sobre as razões de sua escolha por partes dos estudantes. In: MOLI, Jaqueline (Ed.). **Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo**. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 175-191.
- BRANCO, Patricia Ingrisani; PAN, Miriam Aparecida Graciano de Souza. Rodas de conversa: uma intervenção da psicologia educacional no curso de medicina. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 156-167, set-dez 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. Ofício circular 23/2020/GAB/SETEC/SETEC-MEC. Brasília, DF: Ministério da Educação, 10 mar. 2020. Assunto: Recomendações - Novo Coronavírus (COVID-19).
- CARVALHO, Cristina Helena Almeida de. A política pública de expansão para a educação superior entre 1995 e 2010: uma abordagem neoinstitucionalista histórica. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 60, p. 51-76, mar. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782015000100051&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 05 nov. 2020.
- DISTRITO FEDERAL. Decreto n. 40.539, de 19 de março de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do novo coronavírus, e dá outras providências. **Diário Oficial do Distrito Federal**: seção I: Poder Executivo, Brasília, n. 33 A, p. 1, 19 mar. 2020.
- FEITOSA, Lígia Rocha Cavalcante e ARAUJO, Claisy Maria Marinho. O papel do psicólogo na educação profissional e tecnológica: contribuições da Psicologia Escolar. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 35, n. 2, pp. 181-191, jun. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02752018000200007>. Acesso em 12 out. 2020.
- FIOCRUZ. Cartilha de recomendações gerais em saúde mental e atenção psicossocial na pandemia do COVID-19. 1.ed. Brasília: Fiocruz, 2020
- GUZZO, Raquel Souza Lobo. Saúde psicológica, sucesso escolar e eficácia da escola: desafios do novo milênio para a psicologia escolar. In: DEL PRETE, Zilda Aparecida Pereira (Org.). **Psicologia escolar e educacional: saúde e qualidade de vida**. Campinas: Alínea, 2001. p. 25-42
- INSTITUTO FEDERAL DE BRASÍLIA. Conselho Superior. Resolução nº 10/2020, de 2 de abril de 2020. Aprova a suspensão por tempo indeterminado dos Calendários Acadêmicos 2020 dos campi do Instituto Federal de Brasília - IFB, ad. referendado do Conselho Superior. Brasília: Conselho Superior, 2020. Disponível em: <https://www.ifb.edu.br/attachments/article/22990/resolucao%2010.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2021.
- MARINHO-ARAÚJO, Claisy Maria. Psicologia Escolar: pesquisa e intervenção. **Em Aberto**, Brasília, v. 23, n. 83, p. 17-38, mar. 2010. Disponível em: <http://www.emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2455/2193>. Acesso em: 18 set. 2020.
- MORRISON, Jean. **A linguagem da girafa: um passeio divertido pelos fundamentos da comunicação não-violenta**. Tradução de Laura Claessens. São José dos Campos: Colibri, 2019. 88p.
- MOURA, Adriana Borges Ferro; LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa. A reinvenção da roda: roda de conversa, um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 95-103, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338>. Acesso em: 11 out. 2020.
- MULLER, Jean-Marie. **Não violência na educação**. Tradução de Tônia Van Acker. 2. ed. São Paulo: Palas Athena, 2006. 110 p.
- SALOM, Elisa; MORENO, Juan Manuel; BLÁZQUEZ, Macarena. **Desenvolvimento da conduta pró-social por meio da educação emocional em adolescentes**. Tradução de Ricardo A. Rosenbusch. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. 162 p.

CURRÍCULOS

* Mestre em Política Pública de Saúde

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

<http://lattes.cnpq.br/8260546561517121>

<https://orcid.org/0000-0001-5539-1756>

** Doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

<http://lattes.cnpq.br/7687663880271919>

<https://orcid.org/0000-0002-7653-9980>

*** Especialista em Psicologia Clínica na área de Gestalt-Terapia e em Psicopedagogia

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília

<http://lattes.cnpq.br/5653919500959019>

<https://orcid.org/0000-0002-4063-2817?lang=en>